VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

IMAGENS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA IMPRENSA COMUNISTA

Rodrigo Rodriguez Tavares*

Após contribuírem para a derrota do eixo nazifascista, o retorno dos pracinhas ao Brasil escancarava uma contradição já reiteradamente analisada pela historiografia brasileira, mas também pelos personagens da época. Com o prestígio em alta após combater as ditaduras na Europa, os membros da Força Expedicionária Brasileira (FEB) voltavam a um país governado autoritariamente por quinze anos e com a ditadura do Estado Novo (1937 – 1945) vivendo o seu ocaso.

Dentre os diversos personagens atentos ao regresso dos pracinhas, estava o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Conhecendo um pouco de liberdade nos estertores da ditadura getulista e envolto nas contradições da época, a imprensa do partido, especialmente o *Tribuna Popular* do Rio de Janeiro, faz uma leitura específica do papel da FEB.

O jornalista Joel Silveira, correspondente dos Diários Associados que acompanhou os pracinhas na Segunda Guerra Mundial, descreve o desembarque do primeiro escalão expedicionário no Rio de Janeiro no dia 18 de julho de 1945. Segundo ele, o corpo expedicionário foi "ovacionado pela cidade inteira". Observador atento das contradições da época, Silveira nota que "a FEB não existia mais, pelo menos como corpo

* Autor do livro *Moscouzinha Brasileira*: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954), atualmente pesquisa iconografia comunista.

regular do Exército. Deixara de existir a partir de 16 de julho, exatamente no dia em que o primeiro escalão embarcava na Itália de volta ao Brasil". Notório simpatizante dos regimes totalitários, o ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, baixou uma portaria determinando que as unidades expedicionárias chegadas ao Rio deveriam "passar automaticamente à subordinação da 1ª Região Militar". Para Silveira, o Estado Novo, "que temera a ida da FEB, temia ainda mais, agora, a sua volta. E a apressada desmobilização e dissolução da FEB, apenas dois meses após o término da guerra e 12 dias antes do seu retorno ao Brasil, era a prova mais flagrante dos temores da ditadura brasileira." [1]

Já Jorge Ferreira, analisando o fenômeno do queremismo, também investiga a recepção aos pracinhas. Usando como fonte o periódico queremista *O Radical*, Ferreira afirma que no dia no dia 22 de agosto... " populares do Distrito Federal receberam com grande alegria, os soldados do Regimento Sampaio que lutaram em Monte Castelo." Getúlio Vargas estava acompanhado por Goes Monteiro, Eurico Dutra, Mascarenhas de Moraes e Cordeiro de Farias. Segundo Ferreira, "para os generais, a cena não poderia ser mais desconfortável. Ao se darem conta da presença do presidente, 'os pracinhas', manifestando visível contentamento, expressaram seus sentimentos com longos aplausos para, logo a seguir, darem repetidos 'vivas' a Getúlio." Os soldados desfilaram ainda na avenida Rio Branco:

> A parada militar da FEB, simbolizando a luta pela democracia e a derrota do fascismo, e portanto do Estado Novo, seria a festa da União Democrática Popular (UDN) e do brigadeiro Eduardo Gomes. No entanto, quando Vargas chegou no palanque, em frente à Biblioteca Nacional, a multidão, ovacionando-o, manifestou sua alegria com aplausos demorados e insistentes[2]

As duas análises mostram o contexto turbulento da época e contradições que acabariam na deposição de Getúlio Vargas pelo seu ministro da Guerra. O PCB, a principal vítima da repressão policial, apoiou o presidente após o envio de homens para o campo de batalha e defendia a convocação de uma assembléia constituinte, mas com a permanência de Getúlio, como uma garantia contra um possível retrocesso. Já no ocaso

[1] SILVEIRA, Joel. *Meninos eu vi*. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 1967. p.22

[2] FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista:* getulismo, PTB e cultura política popular (1945 – 1964). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005. p.48

da ditadura, o partido pôde atuar às claras depois de anos de ação no subterrâneo, e começou a desenvolver sua imprensa.

O jornal *Tribuna Popular* do Rio de Janeiro, teve um papel importante na história do partido e pode ser analisado com vistas ao entendimento da leitura feita pelo PCB sobre os pracinhas em 1945. Os heróis brasileiros na luta contra o nazi-fascismo foram retratados por meio de reportagens, fotojornalismo e desenhos publicados nas páginas do periódico. A cobertura jornalística do *Tribuna Popular* sobre o regresso da FEB é significativa das contradições e anseios comunistas da época.

Os jornais normalmente têm como manchete a notícia do dia anterior, mas o *Tribuna Popular* antecipa os fatos e faz quase uma contagem regressiva para o regresso dos combatentes. No exemplar de 1 de julho de 1945, por exemplo, a manchete é "A 10 de julho regressa o 1º escalão da FEB". Quando o comandante da FEB, o general Mascarenhas de Moraes chega ao Rio de Janeiro, o jornal dá ampla cobertura. Uma "fotografia inédita do general da vitória" mostra-o recebendo "uma carinhosa homenagem do comando aliado" (11/7/1945). Os militares americanos, aliados na ocasião, também recebem espaço na imprensa comunista. No dia da recepção, na primeira página, a manchete diz que "Clark exaltou a capacidade combativa dos brasileiros. Ainda na primeira página, uma outra fotografia mostra estudantes preparando a recepção à Mascarenhas de Moraes, circulando com um caminhão com "dísticos alegóricos". Era evidente o papel do jornal de tomar a atitude como exemplar, modelo para os leitores do jornal se mobilizarem para receber os militares. A recepção tinha, porém a leitura pecebista.

A chegada teve dois anticlímax: o primeiro a fatalidade da explosão e posterior afundamento do cruzador Bahia, vitimando pelo menos oito marinheiros; e o segundo, a chuva torrencial que caiu sobre o Rio de Janeiro. Com isso, Mascarenhas de Moraes desce na base aérea de Santa Cruz e não no aeroporto Santos Dumont. Ainda assim, o jornal coloca uma fotografia de "populares" portando guarda-chuvas para provar que mesmo nessa situação adversa, a população prestigiou o general. Uma fotografia abaixo mostra o repórter do jornal entrevistando o militar. No diagnóstico do jornal, "não fora a chuva e a neblina que caíram [... e] teríamos assistido a um espetáculo idêntico ao que vimos nos cinemas, por ocasião da chegada de Eisenhower a New York" (12/7/45)

A recepção aos soldados, sem dúvida, era o ápice da cobertura. Num contexto em que o partido fazia um esforço para conquistar mais espaço político e temia

retrocessos sociais, o PCB enfatizava a união nacional e o apoio à constituinte, com Getúlio Vargas, embora o apoio nesse sentido não fosse ostensivo. A cobertura do *Tribuna Popular* utiliza metáforas familiares como forma de reduzir qualquer possibilidade de conflito com a volta da FEB. Os expedicionários são "filhos diletos do povo" que voltam ao "seio da pátria" (19/7/1945), são "filhos queridos do povo" (18/7/1945) e, especificamente, "filhos queridos do povo carioca" (23/8/1945). Evidentemente, embora apoiasse a constituinte com Getúlio, e os filhos do povo voltassem para o "lar", a recepção não é feita por Getúlio Vargas, o "pai dos pobres". A liderança a ser seguida pelos pracinhas, agora é outra.

No dia do regresso dos expedicionários, o jornal utiliza uma ilustração, evidentemente ainda não havia foto da chegada e, discretamente, há um bilhete de Prestes em letra cursiva na primeira página. O "documento" mostra a liderança dele sobre os expedicionários, indica quem eles deveriam seguir em seu regresso ao país. O desenho da primeira página exibe a FEB lutando na Europa, com os expedicionários conquistando o campo de batalha e fincando a bandeira brasileira. Ao fixar esse símbolo pátrio, o partido mostrava esses combatentes como representantes de todo o povo brasileiro, defendendo a pátria. Esse é um símbolo forte que aparece em outros momentos e remete ao conjunto dos brasileiros, estando acima das classes sociais.

De maneira indireta, ressaltar os feitos da FEB poderia ser uma forma de criticar o governo Vargas. Nessa visão, os soldados com a bandeira nacional poderiam ser um indicativo que lutavam em território brasileiro: não é vista referência a um campo de batalha estrangeiro e inimigo algum está presente na imagem. A mensagem enaltecia a FEB, colocando-a como representante da pátria, mas tendo em vista que fincar uma bandeira é conquistar um território, poderia dar a impressão a um leitor mais distraído que a luta ocorreu no Brasil ou nele devesse continuar. O leitor poderia "ler" o desenho como se os pracinhas conquistassem o próprio território brasileiro. Os "vanguardeiros da marcha para a democratização do país" certamente contribuiriam para a democratização nacional, a questão era saber como ocorreu a construção da imagem da FEB quando representada claramente no território nacional.

Na edição do dia seguinte, fotos mostram soldados acenando "sorridentes [respondendo à] saudação calorosa do povo cuja liberdade defenderam". O jornal calcula em "cerca de um milhão de pessoas nas ruas" e afirma que a ação dos pracinhas "...ajudou a criar condições novas para a solução *democrática e unitária* [grifo nosso] de nossos

problemas". A ideia da unidade e da ausência de conflitos ou tensões é bastante importante nesse momento para o PCB. Os soldados são saudados pela população, mas não há nenhum indicativo de que a luta deveria continuar na pátria, com a força das armas. Trabalhadores e soldados estão em ambiente festivo, com largos sorrisos, sem que a recepção fosse a chave para uma mudança violenta e contrária ao governo. A cobertura do jornal não aumentava o temor do regime. Não aparecem soldados armados e trabalhadores com seus instrumentos de trabalho, unidos na luta, como em épocas anteriores. A própria hierarquia militar é minimizada pois é comum o discurso de união entre "oficiais e soldados". A convivência na guerra estreitou os laços da tropa, mas aqui o PCB está interessado em reforçar o caráter de união nacional que toda a sociedade brasileira devia ter naquele momento.[3]

Evidentemente a FEB deveria ter um papel na mudança que o PCB esperava para o país. E em 29 de julho de 1945 numa reconstrução de uma cena supostamente ocorrida na guerra, soldados mandaram uma mensagem para a Liga de Defesa Nacional. Aspecto importante, pois relacionava a atitude e o interesse dos pracinhas à situação política e econômica brasileira. Embora distantes do país, eles não ignoram as preocupações e discussões na pátria. Vemos três soldados fora do campo de batalha, mas discutindo os assuntos relacionados à realidade nacional. Essa leitura liga por meio das imagens e do texto, mas de maneira sutil, o papel da FEB no estrangeiro ao possível papel a ser desempenhado em solo brasileiro. Vale ressaltar que o título da matéria, quase uma legenda da imagem, afirma que os soldados são a "mais avançada linha de frente do povo brasileiro".

Se eles são a linha de frente, o setor mais avançado da sociedade brasileira, no entender do partido, é interessante ressaltar como sua reconstrução iconográfica reforça a tese política defendida pelo partido. Essa linha política era de apoio à luta antifascista na Segunda Guerra Mundial, incluindo apoio incondicional a Vargas, como determinado na Conferência da Mantiqueira em 1943 e, com o fim da guerra, a defesa de uma constituinte com Getúlio. O partido temia os restos fascistas no Brasil. Filinto Muller, por

[3] Como afirma Joel Silveira, os "onze meses de campanha transformaram a oficialidade da FEB, que daqui saíra como representante de uma casta militar divorciada do povo, num conjunto de militares-cidadãos.....A casta dissolveu-se naturalmente. E o oficial expedicionário brasileiro ganhou, no trato com os americanos e o convívio com os pracinhas improvisados em guerreiros, uma mentalidade nova, uma visão mais ampla do Brasil e seus problemas" SILVEIRA, Joel. *Meninos eu vi.* Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 1967. p.23

exemplo, é um dos criticados pelo PCB, e defendia a permanência de Getúlio como uma forma de marcar uma nova estrutura político-legal no país. A forma como ocorreu a transformação da FEB em herói na iconografia poderia servir como maneira de combater esses resquícios fascistas. O Tribuna Popular de 19 de agosto de 1945 tem na primeira página duas manchetes, "o povo quer a convocação da constituinte" e, logo abaixo, "Cresce a onda de protestos contra os nazi-integralistas". A voz utilizada para dar respaldo a essas demandas é de um major do "Estado maior da FEB". Os nazi-integralistas podem fazer parte do governo ou estar se rearticulando no Brasil, e para isso, o prestigio da FEB era importante para combater, mas o governo em si e o presidente Vargas são poupados pelo PCB.

Enquanto nas fotografias há um ambiente festivo na recepção aos soldados, nos desenhos, sem precisar utilizar um referencial objetivo, a liberdade do artista é maior e a posição do partido fica mais destacada. No *Tribuna Popular* de 23 de agosto de 1945, na cobertura da "verdadeira apoteose [que foi] a recepção da força expedicionária brasileira" Paulo Werneck desenha a recepção dos soldados por duas mulheres, referência às esposas dando boas-vindas aos maridos, e uma criança, fazendo referência ao papel de pais. A volta dos expedicionários é para o lar, construindo uma representação que os associa a figura do pai e de marido, mas não para as manifestações de rua. Os pracinhas foram representados no campo de batalha da Europa, ainda que visualmente isso não esteja claro, mas quando retornam ao Brasil são direcionados para seus lares. Daí a ênfase em mulheres e crianças que os recebem de maneira festiva, e não em trabalhadores: significativamente, nenhum *homem* recepciona os militares. Em nenhum momento eles confraternizam com os trabalhadores, unidos com a classe operária para transformar o país, embora faixas políticas pudessem saudar a chegada deles.

Um conjunto de faixas em que são incorporadas a palavra de ordem do PCB surge num desenho publicado em 18 de setembro de 1945. Novamente os soldados da FEB são recepcionados por mulheres com uma faixa por traz que dá "glória aos heróis da F.E.B." enquanto outra pede a "Constituinte".

Tribuna Popular. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1945.

A ideia de conflito fica também ausente na definição do evento, uma "festiva recepção". Segundo o jornal, o partido comunista se destacou na recepção e uma fotografia mostra um caminhão com comunistas "ostentando faixas e cartazes com palavras de ordem democrática". Embora nenhum dos soldados segurasse bandeiras ou faixas, estando todos em um desfile militar carregando as armas ao ombro, as faixas acima das cabeças têm o sentido de chancelar a reivindicação da constituinte. No entanto, a defesa da constituinte não cita o nome de Getúlio, omitido também de outros desenhos sobre o assunto. Pelo papel na Segunda Guerra Mundial, a representação dos pracinhas nos jornais do partido tinha um lugar especial, pois eram um setor chave da sociedade brasileira para dar credibilidade à política defendida pelo PCB. Embora eles não façam política partidária, a representação com faixas de lemas comunistas acaba por dar credibilidade àquelas reivindicações.

As imagens dos expedicionários aproveitam o prestígio e pressionam pela mudança no Brasil, mas essa transformação é específica, pois eles não são desenhados segurando faixas pela Constituinte, ou protestando contra o ditador local Getúlio Vargas, e sim, são desenhados voltando para suas famílias e não se juntando ao povo nas ruas. Quando é impossível omitir a recepção da população aos soldados, o caráter festivo e a

separação entre populares em uma fotografia e militares em outra parece evitar qualquer possibilidade de união temerosa entre ambos. Se esta representação fosse construída, haveria o risco de se entender como uma possibilidade de continuar a luta de armas em punho contra o ditador local, o que fugia aos propósitos do partido; não por acaso, os soldados nunca empunham as armas quando estão desenhados no Brasil. Embora, no período, os expedicionários tenham tido um papel importante na pressão pela saída de Vargas, essa característica é omitida das representações iconográficas. Interessante notar a valorização feita dos pracinhas como soldados do povo, não havendo representação de um comandante, todos são da mesma patente. A própria união nacional envolve oficiais e soldados. Após "enquadrar a ação" dos pracinhas nos ditames partidários, essa representação perde relevância e fica ausente dos jornais.

Ironicamente, a imprensa denuncia o abandono dos pracinhas, que vivem em situação difícil na volta ao lar, como mostra o *Folha do Povo* de 24 de agosto de 1946. O mesmo desenho que exibe a situação de dificuldade dos soldados havia ilustrado, no *Tribuna Popular* de 29 de novembro de 1945, um "dia de glória" da FEB nos campos de batalha e contrapunha sua ação gloriosa na contenda à penúria na chegada ao Brasil. O abandono denunciado pelo jornal também pode ser estendido ao PCB, pois após o fim do Estado Novo, a representação dos pracinhas tem um sensível decréscimo. O partido usou a imagem deles como forma de utilizar o prestígio deles na garantia da constituinte com Getúlio, embora em momento algum o nome do ditador apareça. Ao alcançar o objetivo, a representação do pracinha perde fôlego.

Nos desenhos em que a população pede a constituinte, ou mesmo naqueles em que ocupa as ruas com as palavras de ordem do PCB, a FEB não aparece presente. Os pracinhas não estão nas ruas protestando, são recepcionados em suas casas. O partido buscava a democratização, mas queria evitar qualquer choque ou conflito que, na sua visão, poderia comprometer o avanço rumo à redemocratização. Esse tema de evitar o conflito marcou boa parte da ação dos comunistas na legalidade.

Imagens e textos publicados na imprensa comunista fazem uma leitura sobre o papel desempenhado pelos pracinhas nos campos de batalha, mas também no Brasil. A "leitura" da imprensa comunista traz omissões e ênfases, que devem ser comparadas com outros relatos, e são explicadas pelo contexto político da época e pelos próprios interesses do partido.

Na recepção do Tribuna Popular aos pracinhas, o clima de união e congraçamento predominam: são americanos e brasileiros juntos, soldados e oficiais sem distinção, clima festivo entre populares e expedicionários, etc. Os filhos do povo voltam para casa e o prestígio deles é utilizado no processo de democratização, atacando os setores nazifascistas no país, sem resvalar no "pai dos pobres" que precisa se manter no poder até a constituinte. O líder da família agora reunida não é mais o "pai dos pobres", os pracinhas devem seguir a liderança de Luis Carlos Prestes e do PCB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista:* getulismo, PTB e cultura política popular (1945 – 1964). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

SILVEIRA, Joel. *Meninos eu vi.* Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 1967